

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1

AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL (ALN), TRAJETÓRIA DE UM GRUPO DE MILITANTES EM PERNAMBUCO (1968-1970)

PAULO MARCELO MEDEIROS DE ALBUQUERQUE E MELLO

Universidade Federal de Pernambuco, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em
História e graduado em licenciatura e Bacharelado em História
pmmello@hotmail.com

Resumo: Este artigo analisa a atuação de um grupo de militantes da Ação Libertadora Nacional (ALN), que atuou em Pernambuco durante o período de 1968, até a sua desarticulação por parte dos órgãos de repressão da ditadura militar em 1970. A ALN se constituiu como a principal organização de esquerda que defendeu a luta armada no Brasil contra a Ditadura Militar.

Palavras-chave: Ditadura; tortura; luta armada

INTRODUÇÃO

No âmbito dos estudos referentes ao período da ditadura militar no Brasil, este artigo analisa a atuação de um grupo de militantes da Ação Libertadora Nacional (ALN) em Pernambuco entre os anos de 1968 até 1970.

Ricoeur (2007) entende que existe uma essência nos acontecimentos, e é importante buscar a verdade das coisas. Os fatos históricos devem representar o acontecimento e a história tem um compromisso com a verdade.

Atualmente a nível nacional existem correntes políticas que tentam negar a existência de uma ditadura militar no Brasil durante os anos de 1964 e 1985. Violações dos direitos humanos, torturas, assassinatos e prisões ilegais ocorreram durante os “anos de chumbo”. Veremos que as histórias destes militantes da ALN em Pernambuco estão carregadas das marcas destas violências, que foram praticadas pelos órgãos de repressão do governo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

Além da pesquisa bibliográfica, realizamos um levantamento documental que possibilitou a exploração das articulações e problematizações entre a bibliografia e as documentações averiguadas. Utilizamos como documentação as entrevistas que realizamos com os militantes, documentos dos órgãos de repressão e os periódicos.

Para esta pesquisa realizamos um total de dez entrevistas com os militantes desta célula da ALN: duas com a historiadora Dulce Chaves Pandolfi,¹ uma com o arquiteto Roberto Peixe,² duas com a professora Teresa Vilaça,³ duas com o dirigente do Partido dos Trabalhadores, Perly Cipriano,⁴ duas com o jornalista Luciano Almeida,⁵ e uma com o funcionário aposentado do Banco do Brasil Maurício Anísio.⁶

Os periódicos foram importantes fontes para o estudo da trajetória da organização em Pernambuco. Neste artigo foram analisados periódicos que estão disponíveis no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE).

Outras referências documentais que utilizamos são os prontuários formulados pelos órgãos de repressão da Ditadura Militar, como Departamento de Ordem e Política Social de Pernambuco (DOPS-PE) e o Serviço Nacional de Informações (SNI), que atualmente se encontram no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano de Pernambuco, no Arquivo Nacional e no site da editora CEPE.

ATUAÇÃO DE UM GRUPO DE MILITANTES DA ALN EM PERNAMBUCO

¹ Dulce Chaves Pandolfi em entrevistas concedidas ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Rio de Janeiro, RJ, 08 de dezembro de 2014 e 04 de junho de 2018.

² Roberto Peixe em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Olinda, Pernambuco, 16 de junho de 2016.

³ Teresa Vilaça em entrevistas concedidas ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Salvador, Bahia, 11 de dezembro de 2017; e Olinda, Pernambuco, 28 de outubro de 2018.

⁴ Perly Cipriano em entrevistas concedidas ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Vitória, Espírito Santo, 31 de maio de 2018; e 15 de setembro de 2018.

⁵ Luciano Almeida em entrevistas concedidas ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Parnamirim, Rio Grande do Norte, 05 de maio de 2018; e 31 de julho de 2018.

⁶ Maurício Anísio em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Santa Cruz, Rio Grande do Norte, 29 de abril de 2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

Segundo Dulce Chaves Pandolfi⁷, o processo de formação da ALN em Pernambuco teve como principal articulador o militante da ALN do Rio de Janeiro, Ronaldo Dutra Machado⁸.

O movimento da ALN só ganhou força, quando Ronaldo Dutra Machado, foi para o Nordeste em 1968. Marighella determinou que Ronaldo fosse para Recife, estruturar a ALN. Ronaldo era do movimento estudantil, foi para Recife fazer uma ligação com o movimento estudantil local. Assim ele se aproximou de mim e de Roberto Peixe⁹, por exemplo. Ele também se aproximou da base operária, através de Samuel Firmino^{10,11}.

O projeto revolucionário do PCBR¹², naquele momento contava com o apoio de alguns estudantes em Pernambuco. O que se evidencia é que Marighella percebendo este movimento enviou para Recife um militante profissional da ALN e de sua confiança, para tentar, através destes estudantes, organizar grupos de fogo¹³ e redes de apoio da ALN no Recife.

Segundo Perly Cipriano¹⁴, além de Ronaldo, Dulce e Samuel participaram inicialmente deste grupo: “Edvaldo Marques (Padre);¹⁵ José Pedro;¹⁶ e Zoé Lucas;¹⁷

⁷ Dulce Chaves Pandolfi é graduada em ciências sociais pela Universidade Federal Fluminense, mestre em Ciência Política pelo IUPERJ e doutora em História pela Universidade Federal Fluminense. Estudante e militante da ALN de 1968 a 1970. Foi presa em agosto de 1970 e saiu em liberdade condicional em dezembro de 1971, quando estava na colônia penal de Bom Pastor em Recife. Neste período de cárcere passou seis meses em uma solitária no presídio Bangu I no Rio de Janeiro. Escreveu Camaradas e companheiros, “História e memória do PCB” e “Repensando o Estado Novo”.

⁸ Ronaldo Dutra Machado (1948-1993), dirigente da ALN, preso em Olinda, em março de 1970. Faleceu em 1993, vítima de um infarto, em Rondônia.

⁹ Estudante, preso em março de 1970 e liberado em agosto de 1970. Já foi secretário de Cultura da prefeitura do Recife nas duas gestões de João Paulo/PT, de 2001 a 2008.

¹⁰ Samuel Firmino (1938-2015), Bancário, estudante e militante da ALN entre 1968 e 1970, preso em 1970. Liberado em meados de 1978. Quando faleceu trabalhava na área administrativa da UFPB em João Pessoa-PB.

¹¹ Dulce Chaves Pandolfi em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Rio de Janeiro, RJ, 04 de junho de 2018.

¹² Partido Comunista Brasileiro Revolucionário.

¹³ Grupo especializado em ações armadas.

¹⁴ Estudante e militante da ALN entre 1968 e 1970 foi preso em março de 1970 e liberado em dezembro de 1979. Perly Cipriano é autor do livro Pequenas histórias na cadeia. Foi deputado Estadual e candidato a governador do Espírito Santo pelo PT, além de vereador de Vitória-ES, também pelo PT.

¹⁵ Existem poucas informações sobre ele, militante da ALN entre 1968 e 1970, preso em 1970. Liberado em 1972.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

”.¹⁸ Zoé era professor de geografia,¹⁹ e segundo Cipriano “ele era contato de Samuel Firmino, mas nunca executou ações armadas”.²⁰ O atual funcionário do sindicato dos bancários José Pedro, na época de sua atuação na ALN trabalhava como operário”.²¹

Dulce Pandolfi explica que sua função na ALN em Recife “esteve ligada à formação do grupo, e desta forma conheceu muita gente”.²² Foi assim que ela conheceu Perly Cipriano, em outubro de 1969, que em seguida, aderiu à ALN.²³

Cipriano, antes de ingressar na ALN integrou o PCB, chegou a realizar um treinamento em Kiev, na União Soviética. Em 1969, voltou para o Brasil, e pelo fato do PCB continuar com a linha reformista, contrária a luta armada, abandonou o partido e aderiu ao PCBR.²⁴ A partir da entrada de Cipriano na ALN, o militante passou a manter contato semanal com Dulce Pandolfi.²⁵

No entanto, após entrar na ALN, Perly Cipriano percebeu que para formar um grupo de fogo, precisaria contar com militantes mais experientes em ações armadas. Em Recife, naquele momento, o PCBR estava estruturado militarmente e já havia realizado

¹⁶ Hoje funcionário no sindicato dos bancários no Rio de Janeiro. Operário e militante da ALN entre 1968 e 1970, preso em 1970. Liberado em dezembro de 1979.

¹⁷ Zoé Lucas de Brito Filho (1944-1973), foi um professor e militante da ALN. Preso em 1970, passou poucos meses na cadeia. Encontrado morto na cidade de São Paulo, em junho de 1973. As circunstâncias de sua morte estão sob investigação da Comissão Nacional da Verdade (CNV), sendo consenso que Zoé foi assassinado pelas forças de repressão de São Paulo. Seu nome consta na lista de Desaparecidos políticos no Brasil durante o Regime Militar.

¹⁸ Perly Cipriano em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Vitória, Espírito Santo, 15 de setembro de 2018.

¹⁹ COMITÊ Estadual pela Verdade, Memória e Justiça RN. *Zoé Lucas de Brito*. Natal. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/dossiers/dh/br/dossie64/rn/zoelucas.htm>. Acesso em 06 mai. 2020.

²⁰ Perly Cipriano em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Vitória, Espírito Santo, 15 de setembro de 2018.

²¹ Luciano Almeida em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Parnamirim, Rio Grande do Norte, 5 de maio de 2018.

²² Dulce Chaves Pandolfi em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Rio de Janeiro, RJ, 04 de junho de 2018.

²³ Idem.

²⁴ Perly Cipriano em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Vitória, Espírito Santo, 15 de setembro de 2018.

²⁵ Dulce Chaves Pandolfi em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Rio de Janeiro, RJ, 04 de junho de 2018.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

algumas ações. Desta forma, ele decidiu iniciar contatos com integrantes do partido, para que eles aderissem à ALN.²⁶

No início de dezembro de 1969, alguns militantes aderiram aos quadros da ALN. Segundo, Luciano Almeida²⁷, após a transferência deste grupo de fogo, o quantitativo de ações armadas da ALN aumentou substancialmente, porquanto,

A partir desta incorporação ocorreram as ações armadas mais significativas, da ALN, em Pernambuco. Os militantes advindos do PCBR foram: Luciano Almeida, Teresa Vilaça²⁸, Rholine Sonde Cavalcanti²⁹, Grivaldo Tenório³⁰ e Maurício Anísio.^{31,32}

Almeida destaca que o grupo de fogo do PCBR aderiu à ALN, “porque estavam insatisfeitos com a direção nacional, pois faziam poucas ações”.³³ Segundo Almeida,

Chegamos à conclusão, que a ALN, despontava como a organização, que estava na frente, da vanguarda, da esquerda revolucionária. O sequestro do embaixador americano ocorrido em setembro de 1969 influenciou positivamente nessa análise. Para reforçar essa posição, nós decidimos romper com o PCBR e passamos a atuar na ALN.³⁴

²⁶ Perly Cipriano em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Vitória, Espírito Santo, 15 de setembro de 2018.

²⁷ Trabalha como jornalista desde 15 anos de idade, antes de entrar na luta armada atuava no sindicato da categoria. Estudante e militante do PCBR até 1969, quando aderiu a ALN. Preso em 1970, saiu da prisão em fevereiro de 1980. Um dos últimos presos políticos a entrar em liberdade, na ditadura militar. Após sair da prisão ocupou cargos de vice-presidente e diretor do Sindicato dos jornalistas, no Rio Grande do norte.

²⁸ Professora de história da faculdade Visconde de Cairu, em Salvador, mestre em educação. Professora e militante da ALN em 1969 e 1970 foi presa em março de 1970 e liberada em maio de 1974

²⁹ Rholine Sonde Cavalcanti (1948-1995) estudante e Militante do PCBR até 1969, quando aderiu a ALN. Preso em março de 1970. Saiu da prisão em fevereiro de 1980. Um dos últimos presos políticos da ditadura militar no Brasil. Quando faleceu em decorrência de um acidente automobilístico trabalhava na área administrativa de uma imobiliária.

³⁰ Soldador e militante do PCBR, até 1969, quando aderiu a ALN. Apesar de ter se engajado na ALN, não participou de nenhuma ação armada. Preso em março de 1970 e solto em 1972.

³¹ Aposentado do banco do Brasil. Estudante e militante do PCBR até 1969, quando aderiu a ALN. Preso em março de 1970 e solto em 1979.

³² Luciano Almeida em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Parnamirim, Rio Grande do Norte, 31 de julho 2018.

³³ Luciano Almeida em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Parnamirim, Rio Grande do Norte, 31 de julho 2018.

³⁴ Luciano Almeida em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Parnamirim, Rio Grande do Norte, 05 de maio de 2018.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

Segundo Almeida, Teresa Vilaça foi uma das principais articuladoras desta migração dos militantes do PCBR para a ALN. As militantes Dulce Pandolfi e Teresa Vilaça tiveram uma participação destacada na formação da ALN em Pernambuco.

Dulce Pandolfi narra como eles construíram as redes de apoios da ALN em Recife, “uma rede polivalente, com médicos, professores, religiosos e advogados. Ronaldo vivia muito em Recife. Montamos uma base interessante na cidade, tinha grandes informações”.³⁵

Porém, a situação financeira do grupo era de penúria porque eles não fizeram ações que tivesse gerado recurso financeiro suficiente para bancar os custos do grupo de maneira razoavelmente satisfatória.

Por outro lado, o comando nacional da ALN não repassava recursos para as ações em Pernambuco. Segundo Cipriano, porque “havia a tese da autonomia. Portanto não tínhamos como cobrar ajuda do comando da ALN”.³⁶

Todo esse processo gerou a organização de uma célula da ALN em Pernambuco, que realizou algumas ações armadas durante os anos de 1969 e 1970 em Recife e Jaboatão, atual Jaboatão dos Guararapes.

Este grupo da ALN realizou uma ação no Banco Financial – em Cavaleiro, bairro de Jaboatão dos Guararapes –, na manhã do dia 19 de dezembro de 1969. Segundo Luciano Almeida :

Eu e Rolhine fomos até a agência de ônibus e Maurício, Perly e Ronaldo foram de fusca³⁷. Maurício ficou no carro, estava na condição de motorista, os outros quatro entraram na agência. Eu fiquei no comando da ação. Todos os quatro estavam armados. Eu estava com um fuzil ursos e os outros com revólver 38.³⁸

³⁵ Dulce Chaves Pandolfi em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Rio de Janeiro, RJ, 04 de junho de 2018.

³⁶ Perly Cipriano em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Vitória, Espírito Santo, 15 de setembro de 2018.

³⁷ Segundo matéria do Jornal do Commercio do dia 20 de dezembro de 1969, o fusca foi furtado no mesmo dia antes da ação no bairro de Casa Forte, ele pertencia ao Departamento de Saneamento do Governo do Estado de Pernambuco.

³⁸ Luciano Almeida em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Parnamirim, Rio Grande do Norte, 31 de julho de 2018.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

O jornal *Diário de Pernambuco*³⁹ noticiou a expropriação. A matéria enfatiza que este foi o primeiro assalto a banco realizado em Pernambuco. Além disso, informa que o assalto ocorreu às oito e meia da manhã e teria sido feito por três homens que estavam mascarados e de posse de metralhadoras. E que a quantia roubada foi de hum mil e novecentos Cruzeiros Novos.⁴⁰

A repressão montou um forte esquema de perseguição aos envolvidos no assalto bancário. O *Jornal do Commercio*⁴¹ noticiou que a polícia fechou todos os pontos de saída de Recife e manteve um forte esquema de busca nos hotéis e no aeroporto dos Guararapes.

No dia 21 de dezembro de 1969, o *Diário de Pernambuco*⁴² fez elogios ao desempenho do DOPS, inclusive elogiando a forma que o delegado Bartolomeu Gibson conduzia os “interrogatórios”. O delegado está presente na lista dos 377 policiais militares e agentes, acusados de participar de violações contra os direitos humanos na ditadura militar no Brasil.

Os militantes negaram a narrativa do SNI sobre a utilização de metralhadoras durante o assalto. Eles disseram que o suporte bélico da ALN em Recife era muito limitado. Maurício Anísio destacou que “[...] ninguém tinha metralhadora. O que existia era aqueles riflezinhos [sic], Luciano até entrou com um, e com uma máscara, ele parecia o zorro”.⁴³

Outra ação de destaque ocorreu no Pronto Socorro e Farmácia Jayme da Fonte, localizado no Bairro das Graças em Recife ocorrida na noite do dia 23 de fevereiro de

³⁹ COM metralhadoras, bandidos assaltam em Cavaleiro um banco: quatro suspeitos presos. *Diário de Pernambuco*. Recife, 20 dez. 1969. Capa. Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje).

⁴⁰ Cerca de R\$ 15.362,00, corrigido para julho de 2019.

⁴¹ SUSPEITOS ao assalto a banco em Cavaleiro negam autoria do crime. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 dez. 1969. Capa. Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje).

⁴² DOPS do Recife captura 7 suspeitos do assalto ao banco de Cavaleiro. *Diário de Pernambuco*. Recife, 21 dez. 1969. Capa. Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje).

⁴³ Maurício Anísio em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Santa Cruz, Rio Grande do Norte, 29 de abril de 2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

1970, Almeida relatou que participou da expropriação junto com Rolhine Sonde, Perly Cipriano e Samuel Firmino, porquanto

Todos nós chegamos até a agência em um fusca expropriado na ilha do Leite⁴⁴. Samuel ficou no fusca, ele estava dirigindo, os outros entraram no Hospital, todos estávamos armados com revólveres calibre 38. À ação foi rápida durou apenas três minutos. No início da ação eu anunciei que era uma ação revolucionária, neste instante um funcionário da farmácia falou “Sei”, como se estivesse debochando nosso discurso. Saímos do hospital e fomos até a avenida Rosa e Silva com o fusca de freio de mão puxado. Isto chamou a atenção de um policial.⁴⁵

Na narrativa de Almeida, dois pontos chamam atenção: o desprezo de um dos funcionários do Hospital ao ouvir o discurso revolucionário de um dos militantes, e o amadorismo deste grupo da ALN evidenciado na hora da fuga do Jayme da Fonte. Samuel Firmino dirigiu o carro usado na fuga por cerca de 2 km com o freio de mão puxado, sem que nenhum dos quatro integrantes do grupo percebesse.

Cipriano relatou que a ação do hospital foi muito planejada, pois tinha uma grande expectativa de retorno financeiro.⁴⁶ Porém, dois dias após o assalto, o *Jornal do Commercio*⁴⁷ exibiu uma matéria, onde Bartolomeu Gibson afirma que o dia escolhido para o assalto foi equivocados, pois o Hospital sempre depositava o apurado da semana, toda segunda de manhã. Os militantes planejaram e executaram o assalto para uma segunda-feira à noite.

Além dos assaltos ao Banco Financial e ao Pronto Socorro Jayme da Fonte, que já foram mencionadas, está relacionado a este grupo da ALN, furtos de armas de fogo de vigilantes, assaltos a postos de gasolina e furto de automóveis.

Em março de 1970 alguns integrantes do grupo pretendiam interromper momentaneamente a luta armada. Por conta das suas precárias condições financeiras e

⁴⁴ Segundo matéria do Diário de Pernambuco de 24 de fevereiro de 1970, após o assalto, o fusca foi abandonado no bairro da Torre na rua Conde de Irajá.

⁴⁵ Luciano Almeida em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Parnamirim, Rio Grande do Norte, 31 de julho de 2018.

⁴⁶ Perly Cipriano em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Vitória, Espírito Santo, 15 de setembro de 2018.

⁴⁷ POLÍCIA ainda não localiza os quatro assaltantes da farmácia. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 fev. 1970. Página policial. Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

do aumento do cerco da repressão, porquanto, “a gente já tinha definido que alguns iam voltar para suas casas. Íamos fazer um recuo específico, mas aí as pessoas foram caindo no caminho”.⁴⁸

Este núcleo da ALN foi desarticulado pelos órgãos de repressão entre os dias 28 e 31 de março de 1970. A partir das prisões de Perly Cipriano e Ronaldo Dutra, toda célula da ALN foi detida. O grupo foi totalmente desarticulado em menos de uma semana.

No dia 28 de março de 1970, Ronaldo Dutra havia regressado de uma viagem que fizera a Fortaleza para estabelecer contatos com integrantes da ALN. Quando retornou, marcou um encontro com Cipriano⁴⁹ no Mercado Eufrásio Barbosa,⁵⁰ no bairro do Varadouro, na cidade de Olinda.

Segundo Cipriano, “nós estávamos conversando sobre o que tínhamos na cabeça, uma série de ideias sobre o que nós iríamos fazer no campo e na cidade, como é que seria à estruturação”.⁵¹ Além disso, Cipriano narra que estavam tentando traduzir uma matéria de uma revista francesa com uma entrevista do ex-governador Miguel Arraes de Alencar.⁵²

Pelas narrativas de Cipriano, a ida dos policiais para o Mercado ocorreu devido à denúncia realizada por uma funcionária do Mercado:

Não sabíamos o motivo daquele grupo de policiais terem ido ao mercado. Por que duas pessoas tomando Coca-Cola num bar não chamam atenção em nada. Mas disseram na cadeia que uma garçonete viu um de nós dois, acreditou que nós teríamos participado de uma ação há um seis ou oito meses atrás, que

⁴⁸ Teresa Vilaça em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Salvador, Bahia, 11 de dezembro de 2017.

⁴⁹ Cipriano, naquela época estava morando em uma república, juntamente com outros quatro estudantes. Teresa Vilaça tinha conseguido esta moradia provisória que se localizava em Olinda, Pernambuco.

⁵⁰ Construção datada dos séculos XVII e XVIII, onde existia a primeira Casa da Alfândega de Pernambuco, o local foi, entre 1894 e 1960, a Fábrica de Doces Amorim Ltda. Hoje funciona como espaço cultural.

⁵¹ Perly Cipriano em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Vitória, Espírito Santo, 31 de maio de 2018.

⁵² Perly Cipriano em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Vitória, Espírito Santo, 31 de maio de 2018.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

resultou a morte de um tenente. Não tinha nada a ver com a gente, absolutamente nada.⁵³

O Jornal do Commercio e o Diario de Pernambuco apresentaram os militantes presos, no dia 5 de abril. A matéria do Jornal do Commercio sobre as prisões relatava que “o secretário de Segurança Pública [...] anunciou ontem, formalmente, o desbaratamento de grupos que promoveram vários atos terroristas no Recife, Jaboatão e Olinda e que planejavam outras ações subversivas. [...] Com a finalidade de promover badernas e insegurança à população”.⁵⁴

O Diario de Pernambuco noticiou que “[...] a SSP e a PM de Pernambuco desbarataram vários aparelhos e ações subversivas que se encontravam em prática, no Estado resultando na prisão de doze elementos, todos envolvidos nos assaltos ao Banco Financial, Farmácia Jayme da Fonte e o depósito da Souza Cruz⁵⁵[...]”.⁵⁶

Posteriormente, o Diario de Pernambuco publicou uma matéria sugerindo pena máxima para os militantes, pois segundo o periódico, “seus crimes não têm precedentes em Pernambuco. Por isso mesmo, a lei em que eles devem ser enquadrados prevê a pena de morte. [...] Sobre isso o professor Armando Samico, opina: ‘podem ser os primeiros candidatos a pena de morte’”.⁵⁷

A matéria segue traçando o perfil dos militantes, “frios e perversos, possuidores de alto grau de periculosidade, os bandidos tinham planos de explodir, depois de roubado o depósito da Pibigás, seria uma catástrofe sem precedentes. [...] No assalto

⁵³ Idem.

⁵⁴ POLÍCIA pernambucana desbarata grupo terrorista. *Jornal do Commercio*. Recife, 05 abr. 1970. Capa. Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje).

⁵⁵ A ação da Souza Cruz foi praticada pelo PCBR.

⁵⁶ POLÍCIA prende doze terroristas, autores de vários assaltos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 05 abr. 1970. Capa. Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje).

⁵⁷ TERROR enquadrado na lei de Segurança Nacional. *Diario de Pernambuco*. Recife, 07 abr. 1970. Capa. Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

planejado ao Compre bem, muitos inocentes seriam mortos pela sanha criminosa dos terroristas”.⁵⁸

As matérias jornalísticas das edições do Jornal do Commercio e Diario de Pernambuco estavam próximas à narrativa do DOPS-PE. Os jornais só exploravam as ações armadas dos militantes. Mostrando um apoio sistemático ao governo militar. Em nenhum momento salientaram ou procuraram averiguar e compreender as motivações políticas dos militantes. Como também não falavam sobre as torturas que eles sofreram nos porões do DOPS.

Ao consultarmos os arquivos do SNI ou do DOPS-PE e os jornais de Pernambuco (Jornal do Commercio e Diario de Pernambuco), observamos que os militantes de esquerda eram taxados pejorativamente de elementos subversivos e terroristas. Expressão que até hoje acompanha a narrativa de parte da sociedade.

Por outro lado, na época da atuação deste grupo de militantes da ALN em Pernambuco, a narrativa destes periódicos salvaguardava o governo militar da responsabilidade sobre possíveis torturas a presos, destacando que o governo estaria preocupado com a integridade física destas pessoas.

Este procedimento fica claro em uma matéria publicada no Diario de Pernambuco, onde o periódico apresenta um trecho da entrevista do Ministro da Justiça, o professor Alfredo Buzaid “[...] Tanto o presidente⁵⁹ como o Ministro da Justiça, valem pela pessoa humana [...]. O meu Ministério não pretende tolerar neste país, que está mobilizando uma consciência política, que se pratiquem impunemente atos dessa natureza – torturas”.⁶⁰

Só após cinco meses da desarticulação destes militantes em Recife é que houve a prisão Dulce Pandolfi. Esta ocorreu em agosto de 1970, após ela ter viajado para a

⁵⁸ ESQUEMA começa funcionar e oito marginais são presos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 mar. 1970. Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje).

⁵⁹ Presidente Garrastazu Médiçi.

⁶⁰ GOVERNO não tolerará qualquer ato de tortura aos presos políticos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 03 dez. 1969. Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

cidade do Rio de Janeiro. Dulce estava naquela cidade desde o mês de janeiro de 1970.⁶¹

Após estas prisões, os militantes da ALN foram submetidos a intensas torturas quando estavam detidos no DOPS. Luciano Almeida indicou os nomes de seus algozes: “Delegados Jonathan Marques da Cunha, José Silvestre, Moacir Sales, Carlos de Brito, Mário Tomás de Alencar; investigadores Luís Miranda e Evilásio” (ALMEIDA, 1991, p. 178).

Almeida relatou desta forma o momento que chegou ao DOPS-PE:

Cheguei algemado e já bastante espancado no DOPS, que era na Rua da Aurora, um edifício de Arquitetura neoclássica, bonita. E quando eu ia adentrando no saguão transitava muita gente a pé na rua. Fui falar com os transeuntes que estavam passando no local. Mas aí os policiais já me empurraram para dentro. Parei no meio do hall de entrada e um torturador lá de cima, gritou: “vamos arrancar os ovos desse filho da puta”.⁶²

Cipriano narrou que durante as torturas os agentes falaram de crimes que a repressão cometeu contra estudantes e religiosos, visto que

Miranda, quando me torturava dizia: “nós vamos fazer com você o que nós fizemos com Cândido⁶³”: colocar na cadeira de rodas. Silvestre e Miranda falavam comigo algumas vezes: “nós vamos fazer com você o que nós fizemos com o Padre Henrique⁶⁴”, eles falavam isso. Significa que eles mataram o Padre Henrique.⁶⁵

Ronaldo Dutra também foi muito torturado, nem a ida do seu pai,⁶⁶ um almirante da Marinha, ao DOPS-PE, minimizou as precárias condições do militante nas

⁶¹ Dulce Chaves Pandolfi em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Rio de Janeiro, RJ, 04 de junho de 2018.

⁶² Luciano Almeida em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Parnamirim, Rio Grande do Norte, 05 de maio de 2018.

⁶³ Estudante, membro do DCE, da faculdade de Engenharia Eletrônica da UFPE e do PCBR em 1969.

⁶⁴ Segundo a Comissão da Verdade de Pernambuco, Padre Antônio Henrique foi sequestrado no dia 26 de maio de 1969 e torturado e morto na madrugada do dia 28 de maio de 1969 por um grupo de caça aos comunistas e por agentes da polícia civil de Pernambuco. O padre trabalhava com Dom Hélder Câmara.

⁶⁵ Perly Cipriano em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Vitória, Espírito Santo, 31 de maio de 2018.

⁶⁶ Cipriano narrou que um dos delegados, durante a visita do pai de Dutra informou ao almirante que no DOPS-PE, não havia torturas. Contudo Dutra mostrou a seu pai as marcas da violência física.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13

dependências daquele órgão repressor.⁶⁷ Vale destacar que Ronaldo Dutra só passou dois meses e meio na prisão. Ele foi liberado através da captura do embaixador alemão no Brasil,⁶⁸ em junho de 1970.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela narrativa dos órgãos de repressão o grupo era muito qualificado para realização de grandes ações armadas. Com treinamentos no exterior e possuidor de um grande arsenal bélico. No entanto, pelo que pesquisamos o grupo não tinha este potencial. Ao analisar a história de vida deles percebemos que só Cipriano tinha saído do Brasil, até aquele momento. Nenhum deles tinha tido treinamento em guerrilha urbana. As dinâmicas das ações armadas demonstraram os erros primários cometidos por estes militantes durante os assaltos.

Este perfil traçado pelo SNI para os militantes da ALN em Pernambuco estava imbricado com a narrativa utilizada no nível nacional, pelo governo Médici, naquele período. Esta narrativa tinha como estratégia aumentar o potencial dos militantes das esquerdas revolucionárias. Para em seguida justificar que a continuidade da ditadura militar seria necessária, para proteger o país das ações armadas destes militantes.

As narrativas dos dois principais periódicos de Pernambuco procuraram associar os militantes a terroristas. Ainda hoje parte da sociedade reproduz este conceito. As coberturas jornalísticas não mencionavam que eles tinham um projeto político de combate à ditadura, e não relataram as torturas que os militantes sofreram. Os periódicos até negavam a existência de torturas no Brasil.

⁶⁷ Perly Cipriano em entrevista concedida ao pesquisador Paulo Marcelo Mello. Vitória, Espírito Santo, 31 de maio de 2018.

⁶⁸ Numa ação conjunta da Ação Libertadora Nacional (ALN) e da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) foi sequestrado no Rio de Janeiro o embaixador da República Federal da Alemanha, Ehrenfried von Holleben. Um agente de segurança foi morto e dois ficaram feridos durante a captura do diplomata. Quatro dias depois, por exigência dos sequestradores, foram soltos, 40 presos políticos e enviados para a Argélia. Alguns militantes que realizaram o sequestro do embaixador dos EUA, em setembro de 1969, estavam nesta relação de presos. Um manifesto das organizações foi divulgado em cadeia de rádio e TV.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

14

A disparidade de forças entre os órgãos de repressão do governo e estes militantes era abissal. Isolados da população, sem recursos financeiros e sem estrutura logística, eles decidiram participar do projeto revolucionário da ALN. Nem mesmo as prisões e mortes no GTA (Grupo Tático Armado) da ALN-SP e o assassinato de Marighella inibiram as ações do grupo. Ao contrário, a partir deste momento, elas ganharam força.

Os militantes afirmaram que seguiram o caminho da luta armada para combater as desigualdades sociais existentes no Brasil e lutar contra a ditadura militar que se estabeleceu em 1964.

Apesar destas narrativas em comum, alguns militantes disseram que lutaram pela ditadura do proletariado e outros argumentaram que não lutaram pela implantação de uma ditadura. Hoje a utilização da defesa da democracia está presente em várias narrativas sobre os fatos históricos da época. Não descarto que houvesse militantes com perspectivas democráticas, porém elas teriam enorme dificuldade de se legitimar.

Entretanto, mesmo admitindo a inexistência de valores democráticos em alguns grupos das organizações armadas, acredito que esta afirmativa não deve ser dita de maneira isolada, pois ela pode ser apropriada pela narrativa da direita autoritária, com o objetivo de legitimar ações repressoras. Ou seja, elas não devem ajudar a legitimar um discurso inverídico de que, à direita, durante a ditadura militar, só agiu de maneira repressiva e violenta para evitar uma ditadura comunista no Brasil.

Analisando apenas a narrativa referente às injustiças sociais e políticas, percebemos que a opção dos militantes estava alicerçada em uma ideia comum nas esquerdas revolucionárias na década de 1960. Marighella⁶⁹ personificou este pensamento na ALN, dentro do ambiente das organizações armadas ele teve uma posição de destaque. Os militantes deste grupo da ALN acreditavam fielmente no projeto revolucionário e nas diretrizes propostas por Marighella.

⁶⁹ Carlos Marighella (Salvador, 5 de dezembro de 1911- São Paulo, 4 de novembro de 1969) foi deputado (PCB), escritor e fundador da ALN. Um dos principais organizadores da luta armada contra a ditadura militar brasileira, Marighella chegou a ser considerado o inimigo “número um” do regime.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

15

Portanto, esta opção dos militantes foi bastante influenciada por este ambiente político que reinava nas esquerdas revolucionárias. Ela levou estes jovens a realizarem ações armadas. Não podemos esquecer que este projeto revolucionário combateu um governo ditatorial, corrupto e extremamente violento. No entanto, propiciou que estes militantes realizassem ações violentas contra estabelecimentos comerciais e a indivíduos civis.

Eles nunca tinham praticado estas ações anteriormente e jamais voltariam a praticá-las. Esta questão nos faz pensar até que ponto o alinhamento sistemático a uma opção política pode interferir no comportamento das pessoas. Ou seja, como estas narrativas políticas têm o poder de aglutinar indivíduos em torno de seu projeto político.

A partir desta opção eles se isolaram de suas famílias, do trabalho e da sociedade. Os momentos de lazer praticamente não existiram. Passaram a viver todo tempo para a organização. Viviam na clandestinidade, em casas de colaboradores e em aparelhos, quase sempre pequenos e sem estrutura para comportá-los.

Nos momentos finais, quando já estavam cercados pela repressão, até fome passaram. Como ocorreu em vários episódios da história das esquerdas revolucionárias no Brasil, estes militantes foram presos com ajuda de populares. Em seguida sofreram intensamente com torturas e foram penalizados com longos períodos de cárcere e até assassinato.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciano. [Entrevista cedida a] Paulo Marcelo Mello. Parnamirim, Rio Grande do Norte, 05 de maio de 2018 e 31 de julho de 2018.

ALMEIDA, Luciano. *A Esquerda em questão: do socialismo científico ao anarquismo*. Natal: Editora Coojoarnat, 1991.

ANÍSIO, Maurício. [Entrevista cedida a] Paulo Marcelo Mello. Santa Cruz, Rio Grande do Norte, 29 de abril de 2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

16

BRASIL, *Direito a verdade e a memória*: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos políticos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/mortos-e-desaparecidos-politicos/pdfs/livro-direito-a-memoria-e-a-verdade>.

CIPRIANO, Perly. [Entrevista cedida a] Paulo Marcelo Mello. Vitória, Espírito Santo, 31 de maio de 2018 e 15 de setembro de 2018.

COMISSÃO ESTADUAL da Memória e Verdade Dom Hélder Câmara. Recife. Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria da Casa Civil. Volume I e II.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1999.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella*: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.

MARIGHELLA, Carlos. *Manual do Guerrilheiro urbano*. [São Paulo]: [s. n.], 1969. Disponível em: <http://www.documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2015/08/carlos-marighella-manual-do-guerrilheiro-urbano.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MIRANDA, Amanda. Dos 377 acusados de crimes na ditadura, 15 são de Pernambuco. *Blog de Jamildo*. Recife, 10 dez. 2014. Disponível em: <https://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2014/12/10/dos-377-acusados-de-crimes-na-ditadura-15-sao-de-pernambuco/>. Acesso em 06 set. 2019.

NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge. Genealogias, transversalidades e rupturas de Carlos Marighella. In: NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge (orgs). *Carlos Marighella*: o homem por trás do mito. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

PANDOLFI, Dulce Chaves. [Entrevista cedida a] Paulo Marcelo Mello. Rio de Janeiro, RJ, 8 de dezembro de 2014 e 4 de junho de 2018.

PEIXE, Roberto. [Entrevista cedida a] Paulo Marcelo Mello. Olinda, Pernambuco, 16 de junho de 2016.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

TICIANELI, Edberto. Rholine Sonde, o último preso político da ditadura militar. *História de Alagoas*. Maceió, 16 set. 2016. Disponível em:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

17

<https://www.historiadealagoas.com.br/rholine-sonde-o-ultimo-presopolitico-daditadura-militar.html>. Acesso em 05 mai. 2020.

VILAÇA, Teresa. [Entrevista cedida a] Paulo Marcelo Mello. Salvador, Bahia, 11 de dezembro de 2017; Olinda, Pernambuco, 26 de outubro de 2018.